

## **ALEITAMENTO MATERNO: UMA PRÁTICA A SER RESGATADA<sup>1</sup>**

### ***BREAST-FEEDING: A PRACTICE TO BE RESCUED***

**Patricia Ilha<sup>2</sup>**

**Camila O. Dalla Lana<sup>2</sup>**

**Alice do Carmo Jahn<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

Neste trabalho, a finalidade é realizar uma reflexão sobre a prática do aleitamento materno. Para desenvolver o estudo, realizou-se uma breve revisão bibliográfica, aliada ao conhecimento teórico proporcionado em sala de aula na disciplina de saúde ambiental II, bem como, as observações feitas pelas autoras em campo prático. Conforme dados encontrados na literatura, as vantagens do aleitamento materno são de ordem nutricional, imunológicas, socioeconômicas, culturais e entre outras. Diante das inúmeras vantagens do aleitamento, uma das preocupações em relação ao assunto é porque dados os inúmeros benefícios, poucas nutrízes aderem a este ato, ou quando o praticam não atingem o tempo mínimo de seis meses preconizado pela OMS. Entende-se que este tema merece ser melhor abordado e explorado com as mulheres, considerando o ato de amamentar não somente como uma condição essencialmente biológica, mas colocando a mulher como sujeito desse processo. As considerações sobre o tema apontam para a necessidade de iniciativas diversificadas a exemplo, as educativas, a fim de melhorar as informações e conhecimentos das mulheres sobre o aleitamento materno.

**Palavras-chave:** amamentação, vantagens, informação.

#### **ABSTRACT**

The purpose of this paper is to achieve a reflection on the breast-feeding practice. In order to develop the study, a brief review of literature was carried out, in addition to the theoretical knowledge acquired in the discipline of Environmental Health II, and the observations made by the authors in their professional practice. According to data found in the literature, the advantages of the breast-feeding are of nutritional, immunologic,

---

<sup>1</sup> Trabalho de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> Curso de Enfermagem - UNIFRA

<sup>3</sup> Orientador.

socioeconomic and cultural order, among others. Due to the countless advantages of breast-feeding, a concern relating to the subject is the fact that, despite several benefits, few nursing mothers favor this act, or, when they do it, they do not go to the minimum six-month period suggested by OMS. It is understood that this topic deserves to be better discussed and examined with the women, considering the breast-feeding act is not only an essentially biological condition, but a process into which the woman fits as the subject. The considerations about the topic point to the need for diversified initiatives, such as the educational ones, in order to improve women's information and knowledge about breast-feeding.

**Key words:** breast-feeding practice, advantages, information.

## **INTRODUÇÃO**

O interesse pela inserção da prática de amamentar tem gerado, desde os tempos mais remotos, nos diversos segmentos da sociedade, as mais variadas estratégias para tornar o ato de aleitar mais duradouro e freqüente.

Como um tema amplo, importante e de impacto na saúde pública e social do país, a situação da amamentação na atualidade requer um novo olhar e investimentos com o estabelecimento de metas e formas de sensibilizar e motivar a mãe, sujeito do processo de aleitar, para que esse ato se efetive.

Dados encontrados na literatura brasileira mostram elevados índices de desmame precoce. E muitas mães que amamentam a duração média é curta, com o agravante de não ser exclusiva na maioria das vezes.

Diante do exposto acreditamos ser oportuno realizar uma reflexão sobre a prática do aleitamento materno, que implique na construção de conhecimento que nos levam a encontrar alternativas que visem à efetividade do mesmo na situação atual.

## **REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Pesquisas revelam que o comportamento social em relação ao aleitamento materno ocorre de acordo com a época e a cultura de cada povo. Embora seja considerado um ato natural, baseia-se no aprendizado e na experiência desenvolvida pela convivência da prática no ambiente familiar.

A amamentação é dada como um fenômeno biológico e afetivo entre a mulher e seu filho. Vem apresentando ao longo da história da humanidade variações quanto à freqüência e duração nas mais diversas sociedades, dadas as dificuldades encontradas para a manutenção de sua prática.

Segundo SILVA, (1996) o esquema alimentar do recém nascido varia muito de acordo com cada época, estando mais embasado em hábitos culturais e sociais do que propriamente respaldados em conhecimentos científicos.

Durante o séc. XVII e XVIII, a prática do aleitamento passou por um período crítico com a adoção de amas-de-leite pelas mulheres aristocratas e burguesas, que se recusavam a amamentar seus filhos, servindo como precedente para mulheres de classe desfavorecidas (BADINTER, 1985). Vale ressaltar que as amas-de-leite já praticavam o aleitamento desde muito antes deste período.

Conforme a mesma autora citada na metade do século XIV o leite de vaca e os alimentos infantis passaram a ser adotados, quase que rotineiramente, como alimento suplementar para os lactentes. Donahue, citado por SILVA (1996), refere que o aleitamento artificial e atuação das amas eram fatores que contribuíam para um aumento da mortalidade infantil, devido a contaminação da água onde se preparavam as mamadeiras, falta de higiene, ou ainda pelas amas doentes.

De acordo com SILVA (1996), é importante destacar que no século mencionado anteriormente, tornou-se presente o respaldo científico ao aleitamento materno, juntamente com as concepções religiosas, higiênicas, naturalísticas, morais como elementos integrantes e essenciais para o bem estar da criança.

Com o desenvolvimento científico e tecnológico, a exemplo, a pasteurização favoreceu a introdução do aleitamento artificial, o qual tornou-se acessível a, praticamente, todas as classes sociais, tornando-se bastante difundida a prática da mamadeira. O que resultou num substituto do leite materno favorecendo a ausência da mãe junto ao filho (Ramos Neto *et al*; Goldenbrg citados por SILVA, 1996).

Outro fator que contribuiu para o declínio do aleitamento, foram as mudanças sociais ocorridas com o advento da revolução industrial, determinando transformações da sociedade gerando novas necessidades, em particular para a mulher, que passou a atuar no mercado de trabalho, permanecendo fora de casa por períodos longos, dificultando e/ou impossibilitando a amamentação (NAKANO, 1996).

Webre, citado por NAKANO (1996), menciona que, com frequência, mulher se depara com o dilema de ter que optar entre o êxito profissional ou o êxito na vida familiar, principalmente no desempenho de papéis, enquanto esposa e mãe. O conflito desses papéis pode levar a mulher a abandonar o trabalho ou ocultar a gravidez na vida profissional.

Constata-se que as dificuldades da mulher nutriz e trabalhadora se dão por ocasião do término da licença maternidade, na medida em que ela procura

ajustar-se aos horários da amamentação, procurando não causar prejuízo ou transtorno ao bebê e ao trabalho. Entretanto, existe um certo descompromisso da sociedade para com essas mulheres no que se refere ao cumprimento da legislação, a qual estabelece a criação de creches no local de trabalho, o que favoreceria o desempenho de papéis enquanto mãe trabalhadora (NAKANO, 1996).

Na década de 70, quando as taxas de aleitamento materno alcançaram os níveis mais baixos da história da humanidade começou a ocorrer um movimento internacional para resgatar “a cultura da amamentação”, principalmente nos países de terceiro mundo, em função da mortalidade infantil (GIUGLIANI, 1996)

Em 1974, inicia-se o movimento pró-amamentação, por ocasião da Assembléia da Organização Mundial da Saúde, alertando aos países membros sobre a situação do declínio da prática do aleitamento materno e suas conseqüências para o mundo (SILVA, 1996).

A partir da década de 80, o governo brasileiro deu início à implantação do Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno em convênio com a UNICEF. As estratégias do programa visavam às atividades educativas e treinamentos de profissionais da saúde, estruturação dos serviços de atendimento à mulher e lactente, controle da distribuição de alimentos infantis industrializados, publicidade e quanto à legislação de amparo à mulher trabalhadora (Brasil, citado por SILVA, 1996).

Com isso ganham força as campanhas de aleitamento materno, por ser uma forma natural da mãe alimentar o filho considerada um ato fisiológico motivada pelo amor materno. Entretanto, é importante salientar que passados mais de 20 anos do início do movimento pró-aleitamento materno, a situação da amamentação não alcançou os níveis desejados, principalmente em grandes centros urbanos, o que é atribuído à precariedade de estrutura assistencial à saúde da mulher e seu filho (SILVA, 1996).

Esta mesma autora refere que, ao considerarmos a trajetória do aleitamento materno ao longo deste tempo, é possível constatar que os fatores possíveis e identificados por que estão relacionados a uma postura cultural, que envolve não apenas a nutriz, como também o efeito das instituições e dos profissionais envolvidos, interesses econômicos acrescidos da evolução social pela qual a sociedade tem passado.

A iniciativa do hospital Amigo da Criança, lançado no Brasil em 1992, objetiva promover a proteção e o apoio ao aleitamento materno, prestando orientações e apoio às nutrizes para a práticas do aleitar, tendo por finalidade garantir a adoção dos Dez Passos para o sucesso do aleitamento materno, que tem como objetivo facilitar o início precoce da amamentação assim como sua continuidade exclusiva até os seis meses (Brasil, citado por SILVA, 1996).

Os Dez Passos para o sucesso do aleitamento materno:

- Ter uma norma escrita que deveria ser, rotineiramente, transmitida a toda a equipe de cuidados de saúde.
- Treinar toda a equipe de cuidados de saúde, capacitando-a a implementar esta norma.
- Informar todas as gestantes sobre as vantagens e o manejo do aleitamento.
- Ajudar as mães a iniciar o aleitamento na primeira hora após o nascimento.
- Mostrar às mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vierem a ser separadas das crianças.
- Não dar ao recém-nascido nenhum alimento ou bebida além do leite materno, a não ser que tal procedimento seja indicado pelo médico.
- Praticar o alojamento conjunto – permitindo que as mães e bebês permaneçam juntos – 24 horas por dia.
- Praticar o aleitamento sobre livre demanda.
- Não dar bicos artificiais ou chupetas à crianças amamentadas ao seio.
- Encorajar o estabelecimento de grupos de apoio ao aleitamento, para onde as mães deverão ser encaminhadas por ocasião da alta do hospital ou ambulatório.

Observa-se que a maioria das mães iniciam a amamentação, mas quase a metade interrompe antes que a criança complete 3 meses de vida, pois é comum aderirem à utilização do leite artificial como substituto ideal ao leite materno (DUNCAN, 1996).

Conforme o autor citado, as justificativas, para o desmame precoce baseado nos depoimentos das mães, são quase sempre as mesmas, ou seja, “pouco leite” ou “leite fraco”. Porém as causas reais não são estas, e sim, a ansiedade e insegurança gerada na mãe que não acredita que seu leite possua todos os nutrientes necessários para o desenvolvimento do seu filho.

Sendo muito comum a cadeia de eventos: choro do bebê é ansiedade materna é mais choro é introdução da mamadeira, é menos estimulação dos mamilos, é menos produção de leite, são mamadas reduzidas, é rejeição do peito (ou frustração da criança quando vai ao seio), é interrupção da amamentação.

Essa cadeia de eventos faz com que as mulheres muitas vezes se esqueçam das inúmeras vantagens que só o leite materno pode oferecer ao bebê. Estas somam-se as evidências epidemiológicas do aleitamento materno, como: redução da mortalidade infantil (prevenção de  $\pm$  6 milhões de mortes em crianças menores de 12 meses a cada ano, no mundo inteiro); redução da mortalidade por diarreia e por infecções respiratórias; redução no número de hospitalizações; diminuição de alergias e doenças crônicas como o diabetes; melhor nutrição e desenvolvimento; proteção contra o câncer de mama; mais econômico; melhor

qualidade de vida; promoção de vínculo afetivo entre mãe e o filho e proteção contra novas gravidezes (mulheres que amamentam apresentam períodos de amenorréia, anovulação e de infertilidade mais prolongadas, dependendo da frequência e da duração das mamadas).

Dadas as vantagens do aleitamento materno, o fato de mulheres aderirem a este ato, ou quando aderem a esta prática, não conseguem atingir o mínimo preconizado pela OMS, há necessidade de realizar um trabalho de sensibilização com os profissionais de saúde, que muitas vezes se deparam com a dificuldade em oferecer apoio apropriado à mulher para o adequado manejo da amamentação.

## **METODOLOGIA**

Para desenvolver o estudo, realizou-se uma breve e sucinta revisão bibliográfica aliada ao conhecimento teórico proporcionado em sala de aula na disciplina de saúde ambiental II, bem como das observações feitas pelas autoras em campo prático.

Conforme dados da literatura, observa-se uma grande incidência de nutrizes que não praticam o ato de amamentar, embora haja comprovações dos inúmeros benefícios que o leite materno proporciona para o binômio mãe e filho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao proceder a uma reflexão sobre a prática do aleitamento materno, foi possível averiguar o quanto são complexas as situações que a mulher enfrenta no cotidiano do aleitar em função de fatores culturais, econômicos, ambientais, sociais entre outros.

Diante dos fatores mencionados, é passível de entendimento porque dados os inúmeros benefícios do aleitamento materno encontrados na literatura, esta pratica ainda não é comum e adotada entre todas as mulheres do país.

Portanto, para que a prática de aleitar se torne uma realidade, é primordial que os provedores de cuidados à saúde venham repensar na forma de como estão sendo desenvolvidas e/ou abordadas as ações de saúde da mulher. Trabalhadores da saúde e sociedade devem engajar-se no processo de sensibilização para o incentivo do aleitamento materno. Assumindo assim, um posicionamento em defesa do bem estar da mãe/filho, dando prioridade às ações educativas e informativas, nas quais a mulher seja co-participante.

Entende-se que a amamentação é um desafio, e como tal, não deve ser visualizada e abordada somente no âmbito das habilidades técnicas, ou mesmo

na centralização do aspecto biológico. É necessário transcender para uma perspectiva abrangente e contextualizada que contemple a integralidade das ações de saúde da mulher.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BADINTER, E. 1985. **Um amor conquistado, o mito do amor materno**. 5.ed., Rio de Janeiro: Nova fronteira.

DUNCAN. 1996. **Medicina Ambulatorial: Conduas Clínicas em Atenção Primária** . Porto Alegre: Artes Médicas.

GIUGLIANE, E. R. J. 1996. Aleitamento Materno. In: DUNCAN, B. B.; SCHIMIDT, M. I.; GIUGLIANE, E.J.R. *et al.* 1996. **Medicina Ambulatorial: Conduas Clínicas em Atenção Primária** . Porto Alegre: Artes Médicas, p. 118-127.

NAKANO, A. M. S. 1996. **Aleitamento materno no cotidiano feminino**. Tese de Doutorado, EERP – USP.

SILVA, Isília Aparecida. 1996. Reflexões Sobre a Prática do Aleitamento Materno. **Rev. Esc. Enf. USP**. São Paulo, v.30, n.1, p. 58 - 72.